

MC03. Ritual, performance e etnografia: abordagens contemporâneas

Luciana Gonçalves de Carvalho, John C. Dawsey, Maria Laura Cavalcanti

O curso versa sobre o lugar e a contemporaneidade dos estudos antropológicos de rituais e performances tomando por ponto de partida a obra de Victor Turner, um dos protagonistas da chamada “virada performativa” ocorrida entre os anos 1970 e 1980 na antropologia. Ocupando um lugar heterodoxo no contexto da antropologia social inglesa, a etnografia realizada por Turner entre os Ndembus nos anos 1950 mobilizou de modo inovador conceitos como drama social, símbolo ritual, liminaridade e *communitas*. Mais tarde, a partir do encontro com o diretor teatral Richard Schechner, Turner elaborou uma antropologia da performance e, inspirado pela noção de comportamento restaurado de Schechner, propôs uma antropologia da experiência. Performance e experiência, palavras que remetem ao vocábulo indo-europeu *per* e à ideia de perigo, tornam-se inseparáveis na perspectiva de Turner, para quem a performance constitui expressão de uma experiência marcante, de quem corre riscos. Suas contribuições à antropologia trouxeram novo fôlego aos estudos de rituais e simbolismo e, até a atualidade, fomentam o diálogo antropológico com a linguística, a literatura, a etnomusicologia e com as artes dramáticas e plásticas, entre outras. Este minicurso abordará: a heterodoxia da obra de Turner e sua abertura para novas direções, os desdobramentos de sua relação com Schechner na constituição de uma antropologia da performance e da experiência, e, por fim, etnografias inspiradas no diálogo entre esses dois autores.

Drama, ritual e performance em Victor Turner

Autoria: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Drama, ritual e performance na obra de Victor Turner Como primeira das sessões do minicurso, esta sessão aborda a obra de Victor Turner com o foco nos conceitos de drama social, símbolo ritual e performance. O ponto de partida é a noção de ritual, que serve como fio condutor a indicar o caráter heterodoxo e precursor do autor cuja trajetória intelectual se iniciou no contexto da antropologia social inglesa em meados do século XX. 1) Drama social é o conceito formulado em sua tese de doutoramento, *Schism and continuity in an African society* (1996 [1957]) e traz à cena a atuação de Turner junto ao grupo liderado por Max Gluckman na Universidade de Manchester/Inglaterra e no Instituto Rhodes-Livingstone na então Rodésia do Norte. O conceito foi saudado na época como valiosa contribuição às teorias do conflito e da vinculação social: a vinculação se dava, disse Turner, não apesar dos conflitos mas por meio deles. Buscamos indicar também sua dimensão também simbólica e performática. 2) Símbolo ritual inscreve-se no expressivo conjunto de ensaios reunidos em *Floresta de símbolos* (Turner, 2005), produzidos entre 1957 e 1967, quando de seu deslocamento para universidades norte-americanas. Turner traz então não só o adensamento do formidável conceito de rito de passagem, de Arnold Van Gennep, como a elaboração do conceito de símbolo ritual em diálogo estreito com a psicanálise de Freud e Jung. A ênfase na dimensão vivida do ritual integra a corporalidade e a materialidade aos processos de apreensão de múltiplos sentidos e dos valores condensados nos símbolos. 3) Embora já desde cedo sugerido, o conceito de performance se individualiza na etapa final de sua carreira, tendo por base a cidade de Nova York e o encontro com o diretor teatral Richard Schechner. Turner ruma a uma antropologia da experiência que, deixada de certo modo em aberto pelo autor, tem inspirado inúmeros trabalhos e abordagens em que dialogam as áreas do teatro, das artes dramáticas e plásticas e da antropologia. Na base dessa obra cheia de desdobramentos está a densa pesquisa de campo realizada na África, em companhia de sua esposa, Edith Turner, entre os Lunda-Ndembu entre dezembro de 1950 e fevereiro de 1952, e entre maio de 1953 e junho de 1954. Nela fulgura o grande interesse dos

Ndembus por seus rituais, chamados a dialogar nas demais etapas da carreira do autor com as mais diversas produções simbólicas das culturas ocidentais. Destacaremos também o diálogo do autor com a antropologia brasileira nos anos 1970/1980 e os múltiplos usos e inspirações contemporâneas trazidas por essa multifacetada obra.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

